Domínio e “gerenciamento” da propriedade familiar no mundo antigo: as contribuições de Catão Censor e Xenofonte

Matheus Trevizam

Resumo: *Dans cet article, nous proposons une lecture comparative de l'Économie de Xenophon et du De agri cultura catonien au point de vue de l'organisation interne des domaines familiaux et des buts de leur gestion. Par cela, on attend exposer quelque chose de ce terrain “restraint” de la vie ancienne, arriver aux caractéristiques intrinsèques d'un ouvrage par rapport à l'autre et, dans une mesure réduite, des deux par rapport au monde extérieur.*

Palavras-Chave: *vie “domestique” dans l'Antiquité; gestion des biens familiaux; organisation des parties privées de la vie de l'homme ancien; rapports de société; Xenophon d'Athènes; Caton l'Ancien.*

1. Introdução

Catão Censor e o escritor socrático Xenofonte têm em comum, além da poligrafia¹ e de trajetórias pessoais, às suas respectivas maneiras, muito movimentadas,² o interesse pelo tema da organização dos fazeres (inclusive pro-

Mateus Trevizam é professor da UFMG.

dutivos) no âmbito da vida privada dos cidadãos. Referimo-nos, com isso, às iniciativas de composição de obras instrucionais associáveis, no primeiro caso, ao *De agri cultura* e, no segundo, ao *Econômico*, nas quais se tem a possibilidade de ultrapassar os limites a franquearem os domínios familiares dos senhores para divisar por instantes algo de seu funcionamento.

Nesse sentido, as obras mencionadas possibilitam-nos estabelecer um contraponto para a valorizada imagem dos indivíduos livres (e minimamente favorecidos por seu nascimento) nas sociedades ateniense e romana antiga enquanto plenos participantes da vida cívica, ao mesmo tempo em que, por uma feliz exceção, põem em cena sob foco central certos segmentos sociais relegados a segundo plano em outros contextos. Pois, se não estivéssemos cientes dos mecanismos de controle utilizados para, de maneira intensa, focalizar as artes representativas na atuação “visível” dos varões livres,³ chegaríamos a ter justificativas para equivocar-nos a respeito da importância de outros participantes no todo da vida social antiga. É que parte dos principais gêneros compositivos da Antiguidade (epopéia, oratória epidítica, forense e deliberativa, história, diálogo, por vezes a tragédia) favorece acolher comportamentos vinculados ao universo dos homens em relações variadas com seus pares numa dimensão interacional mais vasta.

Esse, por exemplo, é o caso das epopéias e tragédias que têm como protagonistas humanos imponentes figuras de reis e heróis (caso típico de Aquiles, Enéias e Édipo), dos discursos públicos de Demóstenes ou de Cícero, respectivamente destinados à audição nas assembléias atenienses e no senado romano, dos relatos dos historiadores antigos (Heródoto,⁴ Salústio, etc.⁵), tão voltados, como sabemos, para propósitos de eternização de “grandes feitos” de “grandes homens” e, por fim, do gênero dialógico, diversas vezes compreendido como meio de discussão de questões de interesse filosófico⁶ conduzidas num círculo interacional exclusivamente masculino.

Ora, se os espaços sociais reivindicados por tais gêneros (a zona da guerra, do poder, da organização política das comunidades, da indagação filosófica sobre o mundo) privilegiam a parte ostensiva dos gestos masculinos, o mesmo não se dá compulsoriamente no caso de obras com a natureza do *De agri cultura* e do *Econômico*. De fato, como dissemos, seu espaço central de interesse representativo consiste no mundo interno aos domínios senhoriais, sem, todavia, a necessidade premente de os compreendermos unicamente sob o aspecto físico.⁷

Isso significa, caso atentemos para a distribuição interacional dos membros de tais sociedades nas várias zonas de atuação possíveis, que esse universo interno, mais resguardado dos olhares e influências de terceiros, ao mesmo tempo em que situa o senhor num âmbito cujas características intrínsecas o privam do exclusivismo,⁸ dá margens para uma maior participação daqueles implicados no flexível âmbito “doméstico” (mulheres, criados, jornaleiros, escravos dos campos...).

Com a continuidade da análise comparativa, pois, aproveitaremos a chance de expor alguns dos princípios a regerem o espaço do οἶκος e do *fundus rusticus* catoniano. Enquanto, entre si, espaços da experiência do homem antigo particularizados pelas culturas em jogo e, ao mesmo tempo, confinantes, acreditamos em que apresentem modos de funcionamento, organização e objetivos mutuamente passíveis de esclarecer-se pelo contraste.

2. Cotejo de regras e objetivos essenciais do οἶκος e do *fundus* em Xenofonte e Catão:

De início, é fundamental esclarecer que os espaços do οἶκος e do *fundus rusticus* se encontram necessariamente hierarquizados sob a égide do senhor (κύριος *dominus*⁹): a ele cabe, como proprietário, autoridade máxima e condutor principal dos rumos a serem tomados, reger, em ambos os casos, as atitudes de todos os participantes. Os próprios objetivos da preceituação dada nos textos, por sinal, mantêm vínculos estreitos com a idéia da “instrução” dos senhores a fim de que saibam como desempenhar com competência a essência de seu papel no domínio privado: Catão, bem o revela o conhecimento da obra agrária em questão, concebeu-a com fins de manual prático para os romanos donos de terras direcionadas para a oleicultura ou a viticultura comerciais¹¹ no segundo século a.C. Xenofonte, por sua vez, tornando Iscômaco o porta-voz de um certo estrato característico,¹² fê-lo expor a Sócrates os motivos de sua boa reputação em Atenas, vinculando-a, naquele contexto específico, a um modo de conduta “ideal” que poderia ser imitado pelo interessados.

Curiosamente, no caso do *De agri cultura*, os minuciosos procedimentos de controle transmitidos ao público, se, por um lado, têm como objetivo último alcançar os ouvidos de um senhor atento, por outro, dadas as condições em que se passam as atividades produtivas no *fundus rusticus* por ele descrito, acabam, na prática, por serem delegados a outros. Pois, como têm esclarecido os comentaristas e vários estudiosos da economia antiga, inserindo-se historicamente numa fase de decisivo alargamento de horizontes para o imperialismo romano,¹³ Catão tematiza, nesse manual, um conjunto de procedimentos de trabalho que não podem mais identificar-se com a estrita atuação de um *dominus* a cultivar o solo com as próprias mãos.¹⁴

Com efeito, os tipos de culturas arbóreas mais especializadas e abordadas ali com atenção (oliveiras e videiras) pressupõem não só a vigilância contínua de um responsável como também que se trate de um supervisor especificamente preparado para o bom desempenho de uma minuciosa chefia. Dessa maneira, o senhor romano, doravante desviado para o empenho político em ambiente urbano,¹⁵ adota como solução para os novos tempos confiar por completo a um subordinado de confiança (o *uilius*) a autoridade e a coordenação

das atividades no *fundus* durante sua ausência.

Esse encarregado, poder-se-ia dizer, assume, na falta do senhor e diante dos demais subalternos (a *uilica*, os escravos e criados rurais de posse dele, os jornaleiros e trabalhadores de empreitada a prestarem serviços em caráter sazonal ou temporário), papel muito semelhante àquele, no modelo de exploração rural dos velhos tempos, desempenhado pelo próprio *dominus*. Deve, por conseguinte, distribuir as tarefas de acordo com as necessidades produtivas¹⁶ (antiga atribuição, imaginamos, do *pater familias* no trato cotidiano com a prole e os poucos escravos a dividirem consigo a faina agrícola), reger o consumo e a partilha dos bens no âmbito “doméstico,”¹⁷ impor a autoridade e a ordem,¹⁸ tomar certas providências para controlar o culto (inclusive, abstendo-se de recorrer a algumas práticas místicas pouco ortodoxas do ponto de vista da religiosidade tradicional dos latinos),¹⁹ contar com a colaboração da *uilica* para a realização da parte dos trabalhos que não lhe cabe por tratar-se de tarefas apenas concernentes à *domus*.²⁰

O quadro esboçado no *Econômico* no tocante ao mesmo aspecto do controle apresenta, por sua vez, certas particularidades. Assim, Iscômaco, homem provavelmente bem situado no âmbito da pólis²¹ e, por um privilégio característico de sua condição de cidadão,²² dono atento de terras de plantio, parece, apesar de contar com importantes colaboradores, ausentar-se menos, no dia-a-dia, de seu posto de líder absoluto do que o correlato romano.

Ele reside pessoalmente na casa urbana apresentada como um dos eixos centrais de estruturação do *oikos* tendo-se incumbido, desde o início, do paciente processo educativo da jovem esposa a fim de que se tornasse sua colaboradora eficaz num “empreendimento” destinado à manutenção e ao aumento honrado do patrimônio familiar.²³ É verdade que, desse momento em diante, a mulher passará a ser a “rainha” diligente da “colméia” doméstica,²⁴ mas a tutela ininterrupta do marido, entrevemos em certas passagens, continuará a servir-lhe de parâmetro seguro para não desviar-se do caminho correto.²⁵ Quanto aos escravos-chefe de suas terras *extra urbem*, não haverão de furtar-se ao acompanhamento próximo (ou mesmo diário) do senhor, já que, entre as atividades rotineiras de Iscômaco, invariavelmente se conta a caminhada a tais domínios.²⁶

De volta à questão da atuação da μέλισσα na casa de Iscômaco, notamos simultaneamente que a ela foi confiada nada menos da metade do todo das atividades de chefia necessárias a seu sucesso como líder do *oikos*²⁷ e a presença do domínio da vida animal aludido a servir-nos de instrumento para melhor compreender-lhe o *modus operandi*.

Partindo, desse modo, de uma espécie de divisão de papéis “divinamente” estabelecida, Iscômaco explica que, cabendo ao homem “por sua natureza” assegurar o ganho dos bens no confronto direto com o mundo externo, compete à esposa guardá-los e organizá-los na segurança do lar a fim de que não se percam por motivos variados (furto, extravio, avaria), vindo, assim, inutilizar

os esforços do companheiro.²⁸ Como se vê, trata-se, conforme anunciamos acima, de atribuir à esposa, se não a função de chefia maior, ao menos uma complementaridade²⁹ de modo algum negligenciável, tendo em vista o próprio fracasso final dos objetivos do marido quanto ao *oikos* caso não desempenhe bem sua parcela dos esforços.

Sobre a proximidade da esposa com a atuação da rainha na colméia de abelhas, uma ilustrativa passagem do *Econômico* oferece-nos todo um conjunto de pontos comuns entre ambas,³⁰ de maneira a esboçar-se um quadro aproximado do essencial dos traços psicológicos da dona da casa. De início, a abelha-rainha é retratada por Xenofonte como um ser, antes de mais nada, laborioso;³¹ então, cabe-lhe, no comando das operárias, ser ativa e vigiar rigorosa por sua atividade, fazendo com que tanto as que devem trabalhar fora quanto as que devem trabalhar dentro sigam para seus respectivos rumos e não sejam, em hipótese alguma, ociosas ou negligentes; além disso, deve receber os alimentos vindos do exterior, saber como distribuí-los com justiça para o uso dos que necessitam ou guardá-los em segurança.

Atividade, critério, zelo e atenção, pois, são importantes características esperadas da esposa enquanto “braço” do líder no âmbito do lar. Mas ela poderia, no entanto, descentralizando em parte o mando e a responsabilidade que lhe fôra confiada pelo marido, contar com o auxílio de uma “governanta”, cujo perfil, por sinal, é assimilável até certo ponto às virtudes de sua senhora.³²

O trabalho dos intendentos rurais, por outro lado, furta-se por completo à zona de atuação da mulher justamente por vir a ocorrer num espaço não só externo à casa, mas ao próprio *oikos*.³³ Preferiríamos, portanto, considerar a autoridade desses serviçais enquanto ramificação direta da autoridade do senhor e um correlato preciso daquela da esposa no resguardo do lar. Acaso não se dá que, à parte a completa diferenciação dos ambientes de vigência dos encargos, um e outro sejam sempre os subalternos mais imediatos do κύριος, visando à efetiva realização de suas vontades?

Desses escravos, de maneira similar ao visto quando comentamos o perfil da esposa (ou, em menor grau, da “governanta”), também se requerem qualidades condizentes com o papel do encarregado (como a lealdade, o alheamento a interesses “inúteis” do tipo do vinho e do amor aos meninos, alguma ambição “sadia”),³⁴ prevendo-se ainda que devam ser formados pelo dono para ajustarem-se perfeitamente à função. Eles, inclusive, de uma maneira que parece espantosa para Sócrates, serão capazes de ensinar os homens sob seu comando a obedecerem, sob efeito de uma “pedagogia régia” em escala reduzida.³⁵

A menção às atividades desses participantes da vida no *fundus* e no *oikos*, atuando num e noutro caso “representativamente” e sob comando do senhor, além disso, favorece-nos pensar nos demais pontos “programáticos” das obras de Catão e Xenofonte. Com efeito, pelo que se deve ter ao menos em parte delineado com os comentários a respeito de todos, nunca se trata de indivíduos

comportando-se de maneira aleatória, mas segundo ditames comprometidos com intentos de maior eficácia. Assim, o “mapeamento” estendido de tais normas, guiado pela concretude das operações criteriosamente realizadas pelos agentes (as quais nos passam com clareza diante dos olhos com o exame das obras), auxiliar-nos-á a aprofundar nossa compreensão do significado da experiência “doméstica” em ambos.

Os espaços privados retratados na obra grega e latina analisada pressupõem sempre que deparemos lugares de incessante atividade: afora o justo repouso dos trabalhadores e as pausas devidas ao ritmo de vida usual do homem antigo, de tempos em tempos entrecortado por festividades cívicas,³⁶ religiosas³⁷ ou privadas, não há que se esperar o ócio absoluto como regra para o *κύριος*, sem chefes ou comandados. Quanto à obra de Xenofonte, em que o *κύριος*, sem imiscuir-se muito na parte material da labuta, conciliará a atenção ao papel de dono da casa com seus interesses e deveres políticos,³⁸ nota-se desde as mais altas “posições” a presença da industriiosidade enquanto elemento dominante das condutas: não cabe a ele, de início, e ainda, a seus dois tipos de subordinados principais (a esposa e os escravos-chefe rurais), porem “mãos à obra” quotidianamente e desde o alvorecer para garantirem a ordem e o sucesso do *οἶκος* na cidade ou no campo?

É importante ter em mente que essa entrega dos participantes ao esforço, ainda no contexto do *Econômico*, significa, além do zelo pela plena eficácia dos cativos, um fator de valorização moral do homem livre nela envolvido. Esse é o caso de Isômaco e da esposa, absorvidos por suas obrigações familiares de uma maneira que não os diminui (por não tratar-se da mera busca do lucro), mas nobilita justamente por melhorá-los e fortalecê-los no corpo e no espírito.³⁹

No *De agri cultura*, por sua vez, a marcha contínua dos trabalhos agrícolas dita implacavelmente o próprio ritmo incessante da obra.⁴⁰ Encontramo-nos, aqui, diante de um texto indetificável com a tentativa instrucional de tornar o *fundus*, antes de mais nada, um empreendimento lucrativo;⁴¹ por esse motivo, como seria previsível, é preciso explorar ao máximo a capacidade de trabalho de todos os homens ocupados em fazê-lo funcionar, sem grandes espaços para o que não seja efetivamente útil.

Como explicamos acima, tratando-se os tipos de propriedade descritos por Catão nesse livro de um vinhedo ou um olival com fins comerciais,⁴² a crua preceituação do autor direciona-se sem pausas sobretudo para oferecer ao público interessado no assunto (os próprios donos das terras e - por que não? - os *uilici* suficientemente instruídos para lê-lo) um abrangente e minucioso panorama das várias etapas de produção do azeite ou do vinho. Ora, correspondendo essas atividades (bem como as demais periféricamente abordadas ali, a exemplo da pecuária, da manufatura dos objetos rústicos utilizáveis no dia-a-dia da faina agrícola, da construção dos edifícios necessários para abrigar homens, animais ou colheitas, da cerealicultura, da floricultura, etc.) às sucessivas etapas

dos esforços comuns a que todos devem consagrar-se com afinco, vemos descortinar-se diante de nós uma complexa cadeia de ações contínuas pensadas para resultarem, no final das contas, em vantagens para o senhor.

Embora afiancemos, por tal razão, que o *fundus rusticus* catoniano corresponde ao cenário onde se espera assegurar a prosperidade material de um *dominus* quase sempre ausente, isso não contribui para desprestigiar-lo do ponto de vista moral. Identificando-se a posse e a exploração da terra com o meio mais tradicional e respeitado de ganho entre gregos⁴³ e latinos,⁴⁴ os benefícios daí advindos jamais se confundiriam com um lucro vergonhoso para os favorecidos: pelo contrário, o sucesso nas colheitas ou na criação animal seria antes um indício do valor dos senhores, já que, mesmo quando não fisicamente envolvidos com o plantio ou o pastoreio, imaginar-se-iam os bons resultados no mínimo como produtos de sua seriedade no trato com o patrimônio e os escravos.

No entanto, é ao *uilicus* ideal, tal como descrito por Catão no capítulo V do *De agri cultura*, que compete “revestir-se” das atribuições do bom líder na maior parte das vezes. Conforme o dito, na impossibilidade da vigilância e atuação do *dominus* romano com o mesmo grau de envolvimento do *κύριος* em Xenofonte,⁴⁵ ele passa não só a representar o “braço” efetivo do senhor na dura concretude da vida rural, mas, em certo sentido, a “encarnar” com sua consorte algumas das “virtudes” do dono das terras, entre as quais se conta, a propósito da norma de funcionamento do *fundus* presentemente tratada, a dedicação *exclusiva* e laboriosa⁴⁶ ao âmbito que o circunscreve.

Evidentemente, não há que se esperar para o bom *uilicus* a nobilitação moral proveniente da diligência nos trabalhos agrícolas que compete aos homens livres no contexto social greco-latino: como sabemos, trata-se de sociedades cuja desigual atribuição de valor aos indivíduos segundo suas raízes é algo, a princípio, intransponível;⁴⁷ assim, um senhor digno ou indigno desse nome seria julgado apenas em confronto com homens de sua condição. *Mutatis mutandis*, o bom *uilicus*, se, por um lado, contrapõe-se ao mau pelo desempenho eficaz de suas obrigações rotineiras, por outro, enquanto simples *instrumento* a serviço das determinações do dono, nada mais teria feito do que adequar-se à meta esperada por condescendência ou receio dos castigos.

Se podemos concordar com que a hierarquia e a industriiosidade são, de fato, pontos de relevância para o sucesso dos “empreendimentos” familiares tratados por um e outro autor, é preciso ainda conceder seu peso à racionalização dos fazeres e à orientação conjunta das práticas num único sentido. No primeiro caso, referimo-nos ao conjunto dos procedimentos “gerenciais” mostrados pelos autores como meios de aumentar o rendimento dos esforços comuns: afinal, de que adiantaria labutar muito mas *em vão* por falta de critério no desempenho de atividades a mostrarem-se, talvez, incoerentes com o plano

pré-estabelecido ou desproporcionadas por excessivo zelo num só ponto e descuido dos demais?

Acreditamos em que as partes de ambas as obras citadas nas quais os autores recomendam com minucioso cuidado a manutenção da ordem para objetos, utensílios ou itens alimentícios, a observância do tempo e sua correta repartição entre os trabalhos poderiam prestar-se a ilustrar o tópico inicialmente abordado no parágrafo acima. Vêem-se, pois, no *Econômico* (VIII 4 a IX 10) e no *De agri cultura* (XXVI), trechos admonitórios sobre a necessidade da organização física dos espaços a acolherem, em cada caso, as vidas “domésticas” dos participantes.

Como se poderia prever, a eficácia no desempenho das atividades quotidianas de senhores e cativos pressupõe, como condição *sine qua non* para dar-se sem entraves, a pronta disponibilidade de todos os objetos requeridos por cada tarefa. Afinal, na hora da vindima⁴⁸ ou de apresentar ao senhor algum dos utensílios domésticos exigido por sua vontade,⁴⁹ haveria o atraso em chegar ao termo completo de um ou outro processo caso não se soubesse onde encontrar os objetos em questão. Que dizer do risco de que esses utensílios mal guardados sequer fossem mais encontrados por terem-se extraviado em cantos obscuros das propriedades⁵⁰ ou mesmo sido furtados,⁵¹ com aproveitamento indevido, pelos mal intencionados, das chances oferecidas pela negligência?

A temática do tempo, por sua vez, aparece muito bem representada no manual catoniano em função do próprio caráter sazonal das atividades agropecuárias ali mostradas; é enfatizada recorrentemente, portanto, a necessidade de que se trabalhe de maneira a permitir a conclusão absoluta dos trabalhos no tempo devido. Ocorre, muitas vezes, que o cuidado de uma só cultura (e até o fabrico dos itens dela provenientes) basta para manter o homem do campo em atividade incessante por várias estações. Nesse caso, porém, o retardar na realização das etapas anteriores significaria, desastrosamente, ter de posergar as seguintes,⁵² na pior das hipóteses, para uma fase do ano em que não mais pudessem ocorrer devido às incompatibilidades climáticas.

O *Econômico* de Xenofonte, embora não nos pareça tão compulsoriamente vinculado à necessidade de uma certa pressa,⁵³ também não elimina de seus horizontes a preocupação com a cronologia. Em XI 14-15, a partir do início da descrição da laboriosa rotina de Iscomaco, entrevemos certo arranjo dos fazeres no dia com fins de que melhor se aproveite: assim, ele acorda ao nascer do sol e logo segue para a casa dos homens com quem precisa conversar; caso não necessite tratar de negócios com ninguém, põe-se sem demora a caminho de suas terras.⁵⁴ Em ambas as hipóteses, a precocidade do despertar atende ao intento de começar cedo para nada ter negligenciado ao final pelo desperdício do tempo ao longo da jornada.

Quanto, enfim, à questão da colaboração entre senhores e cativos ou mesmo entre cativos, observemos concisamente que a “gestão” do οἶκος ou do *fundus*

se fundamenta na *união* das forças comuns pela meta de obtenção da prosperidade, compreendida de forma abrangente. Isso justifica que seja necessário tomar muitas providências para coibir-lhes a fragmentação (ou favorecer-lhes a unidade), a exemplo do impedimento dos furtos internos,⁵⁵ do castigo aos preguiçosos ou omissos,⁵⁶ da própria seleção apenas daqueles adaptados a um certo perfil,⁵⁷ da busca de um entrosamento razoável entre todos os participantes⁵⁸ e das tentativas de tratamento igualitário⁵⁹ para os cativos (a fim de evitar disputas pela concorrência excessiva).

3. Conclusão

Esperamos, nestas linhas, ter exposto aspectos de relevância para a compreensão dos “empreendimentos” tratados sob a imagem, apesar das eventuais divergências num e noutro meio cultural, de pequenos “nichos” sociais criteriosamente regidos por ditames destinados a garantir-lhes a funcionalidade ou, mesmo, a existência. Ainda, se não há que se esperar, nesses contextos específicos, a completa substituição dos costumes da sociedade compreendida em sentido mais amplo (haja vista a própria atribuição de poderes, em última instância, *sempre ao homem livre*),⁶⁰ também não seria o caso de supor, ingenuamente, que os domínios familiares do homem grego e latino antigos procederiam apenas a uma “miniaturização” dos fenômenos observáveis nas interações sociais do mundo externo. Afinal, como propusemos desde o início, vemo-nos aqui diante de espaços a admitirem faces impensáveis no exterior, a exemplo mesmo da pronunciada descentralização das atribuições senhoriais: em quais outras esferas das sociedades antigas encontrar-se-iam, com tamanha naturalidade, mulheres ou escravos admitidos, nos termos descritos acima, a uma relação “parceria” com os varões livres?

Bibliografia

- BAILLY, A. *Dictionnaire grec-français*. Paris: Hachette, 1950.
 BARBOSA, V. R. Resenha de Lessa, F. de S. *O feminino em Atenas*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. In: *Clássica. Revista brasileira de estudos clássicos*. São Paulo, v. 17/18, p. 333-335, 2004-2005.
 BRIANT, P. et alii. *Le monde grec aux temps classiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995. Tome I.
 CATON. *De l'agriculture*. Texte ét., trad. et comm. par R. Goujard. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

- DELLA CORTE, F. *Catone Censore. La vita e la fortuna*. Firenze: La Nuova Italia Scientifica, 1969.
- GLOTZ, G. *História econômica da Grécia*. Tradução de V. M. Godinho. Lisboa: Cosmos, 1973.
- HARVEY, P. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*. Tradução de Mário da Gama Cury. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- HÉRODOTE. *Histoires*. Texte ét. et trad. par Ph.-E. Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 1946.
- HORNBLOWER, S.; SPAWFORTH, A. *The Oxford classical dictionary*. Oxford: University Press, 2003.
- PRIETO, M.-H. U. *Dicionário de literatura grega*. Lisboa: Verbo, s.d.
- ROBERT, J.-N. *La vie à la campagne dans l'antiquité romaine*. Paris: Les Belles Lettres, 1985.
- SALLUSTE. *Catilina. Jugurtha. Fragments des "Histoires"*. Texte ét. et trad. par A. Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1974.
- SIRAGO, V. *Storia agraria romana. I. Fase ascensionale*. Napoli: Liguori, 1995.
- STEVENS, J. A. Friendship and profit in Xenophon's *Oeconomicus*. In: Waerdt, P. A. V. (ed.). *The Socratic movement*. Ithaca/ London: Cornell University Press, 1994.
- SUÉTONE. *Vies des douze Césars*. Texte ét. et trad. par H. Ailloud. Paris: Les Belles Lettres, 1961. Tome I.
- XENOPHON. *Oeconomicus*. Translated with a commentary by Sarah B. Pomeroy. Oxford: Clarendon Press, 2001.

Notas

Nota do editor: pedimos desculpas ao autor deste artigo porque fomos obrigados a suprimir as citações em língua grega, devido a um problema de incompatibilidade com a fonte de que dispunhamos.

¹ R. Goujard, no prefácio à edição Les Belles Lettres do *De agri cultura* catoniano (Catón. *De l'agriculture*. Texte ét., trad. et comm. par R. Goujard. Paris: Les Belles Lettres, 1975, p. XXIV-XXXII), realizou o inventário completo das obras produzidas por Catão; sem esgotá-lo no espaço desta nota, lembráramos, a título de ilustração, além do *De agri cultura*, os discursos públicos, o *De re militari*, os *Praecepta ad filium*, o *Carmen de moribus* e as *Origines*. O catálogo das obras de Xenofonte, por sua vez, inclui, além da *Anabase*, a *Ciropédia*, o *Simpósio*, a *Apologia*, os *Memoráveis*, o *Econômico*, a *Constituição de Esparta* (Cf. Hornblower, S.; Spawforth, A. *The Oxford classical dictionary*. Oxford: University Press, 2003, p. 1629-1631).

² Catão, assim, antes de atingir o topo do *cursus honorum* aos 39 anos com a chegada ao posto de cônsul da república romana, passou pelas experiências de agricultor no país sabino, soldado, "advogado", tribuno militar, questor e censor (cf. Della Corte, F. *Catone Censore. La vita e la fortuna*. Firenze: La Nuova Italia Scientifica, 1969). Quanto a Xenofonte, ateniense rico e amigo de Sócrates,

coube-lhe liderar a expedição de retorno dos legionários gregos que partiram contra Ataxerxes, passar-se para o lado espartano contra o rei Farnábasos, ser exilado em 394 a.C. por seus compatriotas, descontentes com tal alinhamento e, enfim, terminar calmamente seus dias em Corinto (cf. Prieto, M.-H. U. *Dicionário de literatura grega*. Lisboa: Verbo, s.d., p. 435-443).

³ Cf. resenha de Virgínia R. Barbosa a respeito da obra *O feminino em Atenas* (Lessa, F. de S. Rio de Janeiro: Mauad, 2005), in *Clássica. Revista brasileira de estudos clássicos*. São Paulo, v. 17/ 18, p. 333, 2004/ 2005: "trabalhando com literatura, por todo exercício de minha profissão, e recorrendo aos documentos escritos, percebia neles, com desconforto, uma confirmação de que a mulher, realmente, não teve voz nem vez no mundo antigo". O mesmo, acrescentamos, poder-se-ia dizer da maior parte dos excluídos dos círculos privilegiados na Antiguidade (escravos, metecos, forasteiros e libertos em Roma).

⁴ Cf. preâmbulo inicial de Hérodote. *Histoires*. Texte ét. et trad. par Ph.-E. Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 1946: "esta é a exposição da História de Heródoto de Túrio, para que nem os feitos dos homens sejam apagados pelo tempo, nem as obras grandes e extraordinárias, realizadas por gregos e bárbaros, resintam-se de glória".

⁵ Cf. Salluste. *Catilina. Jugurtha. Fragments des "Histoires"*. Texte ét. et trad. par A. Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1974, IV: *statui res gestas populi Romani carptim, ut quaeque memoria digna uidebatur, perscribere*. – "decidi os feitos do povo romano, apenas cada qual parecesse digno de lembrança, escrever por partes".

⁶ Esse é, a propósito, o caso do *De re publica* ciceroniano e d'A *república* de Platão, tendo respectivamente, como alguns de seus interlocutores, Cípião Emiliano/ Lúcio e Sócrates/ Polemarco.

⁷ A própria idéia expressa pela palavra grega *οἶκος*, por sinal, admite um campo semântico bem mais amplo do que a noção material de "casa" em português. Assim, A. Bailly, em seu conhecido dicionário grego/ francês (Bailly, A. *Dictionnaire grec-français*. Paris: Hachette, 1950), oferece como traduções possíveis para esse termo grego, além de *maison*, *salle à manger* e *temple*, *train de maison*, *biens*, *propriété* e *famille*, *race*.

⁸ A plena participação na vida política correspondia, para os atenienses e latinos dos séculos clássicos, a um privilégio dos cidadãos adultos nascidos homens e livres (cf. Briant, P. et alii. *Le monde grec aux temps classiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995. Tome I, p. 134: *la cité grecque est fondée sur de multiples exclusions: les étrangers, les métèques, les périèques, les esclaves (quelle que soit la forme de la dépendance), les jeunes et les femmes, mais aussi les affranchis, les bâtards, ceux qui exercent certains métiers réputés dégradants, autant d'individus exclus de cette "politeia" – "communauté des citoyens"*). Para o caso romano, lembremos simplesmente uma iniciativa "depuradora" como aquela dotada por Augusto para reger a inclusão no senado [*apud* Suétone *Vies des douze Césars*. Texte ét et trad. par H. Ailloud. Paris: Les Belles Lettres, 1961. Tome I, cap. XXXV: *senatorum affluentem numerum deformi et incondita turba (erant enim super mille, et quidam indignissimi et post necem Caesaris per gratiam et praemium adlecti, quos orcinis uulgus uocabat) ad modum pristinum et splendorem redegit (...)*. – "fez tornar o grupo crescente de senadores, uma turba disforme e confusa (pois eram mais de mil, alguns indignísimos e aceitos depois da morte de César por favor ou recompensa, a quem o povo chamava *orcini*), ao antigo número e honradez (...)] e, além disso, o caráter censitário e discriminatório da participação na vida pública, vetada, inclusive, aos libertos (cf. Harvey, P. *Dicionário Oxford de literatura clássica grega e latina*. Tradução de Mário da Gama Cury. Rio de Janeiro: Zahar, 1987, p. 208: "pela emancipação formal o liberto romano, ao contrário do liberto grego, adquiria os direitos plenos de um cidadão romano, com as exceções de não poder exercer funções públicas e – até o séc. I a.C. – não poder prestar serviço militar").

⁹ *Econômico* VII 39: "eu me admiraria se os afazeres do líder não dissessem mais respeito a ti [ao marido] do que a mim [a esposa]".

¹⁰ *De agri cultura* V: *rationem cum domino crebro putet*. – "que freqüentemente preste contas [o *uilius*] ao senhor".

¹¹ Cf. Sirago, V. *Storia agraria romana. I. Fase ascensionale*. Napoli: Liguori, 1995, p. 16: *per Catone*

ormai la tenuta agricola è un'azienda di produzione, con profitti e perdite: il buon proprietario è colui che aumenta i profitti e diminuisce le perdite; in caso contrario è il fallimento.

¹² Cf. Glotz, G. *História econômica da Grécia*. Tradução de V. M. Godinho. Lisboa: Cosmos, 1973: a propriedade fundiária conservava grande parte da importância quase exclusiva que tivera durante tantos séculos; precisamente pelo facto de os estrangeiros dela estarem excluídos, guardava todo o seu prestígio (p. 217). O grande proprietário, como o pequeno agricultor, pratica a exploração directa. É a ele que Xenofonte, no manual do "Económico", propõe como modelo Iscómaco (p. 221).

¹³ Ou seja, na época do ganho completo da hegemonia no Mediterrâneo ocidental pelos romanos, através da derrota definitiva de Cartago (146 a.C.).

¹⁴ Cf. prefácio de Goujard na edição do *De agri cultura* citada (p. XXXIX-XLII) e Sirago, *op. cit.*, p. 246: la campagna perde lo scopo dell'autoconsumo e mira alla produzione specializzata, col principale prodotto destinato all'esportazione.

¹⁵ Cf. Robert, J.-N. *La vie à la campagne dans l'antiquité romaine*. Paris: Les Belles Lettres, 1985, p. 27: et toujours paradoxalement, ces hommes [como Cícero], bien que venus à la ville pour y vivre une existence souvent jugée plus facile, sont retournés au pays de leur enfance autant de fois que l'éloignement et leurs moyens financiers le leur permettaient.

¹⁶ Cf. *De agri cultura* V, CXLIII: opere bene exerceat - "que os [os escravos da uilla rustica] faça trabalhar bem", cibum tibi et familiae curet uti coctum habeat - "que ela [a uilica] se ocupe de cozinhar o alimento para ti [o uilicus] e os de casa".

¹⁷ Cf. *De agri cultura* LVI: compeditis, per hiemem panis p. IIII. - "no inverno, quatro libras de pão para os trabalhadores encadeiados".

¹⁸ Cf. *De agri cultura* V: si quis quid deliquerit, pro noxa bono modo uindicet. - "se alguém cometer uma falta, que bem o castigue de acordo com sua culpa".

¹⁹ Cf. *De agri cultura* V: haruspice, augurem, hariolum, chaldaeum, nequem consuluisse uelit. - "que não deseje consultar um haruspice, um augure, um adivinho e um astrólogo".

²⁰ Cf. *De agri cultura* CXLIII (todo o capítulo).

²¹ Cf. Stevens, J. A. *Friendship and profit in Xenophon's Oeconomicus*. In: Waerdt, P. A. V. (ed.). *The Socratic movement*. Ithaca/ London: Cornell University Press, 1994, p. 219: second, Lysias mentions two sons of an Ischomachus worth over seventy talents who inherit only ten talents each, and he says that this story dates well before the time of the speech, which is ca. 388 (Lys. 19.45-46). This coincides with the portrait of Ischomachus as a very wealthy real-estate tycoon in the "Oeconomicus" (20.23-29).

²² Cf. *supra* nota 12.

²³ Cf. *Económico* VII 10-43.

²⁴ Cf. *Económico* VII 32: "e, disse ela, desempenhando quais atividades a líder das abelhas elas se parecem com as atividades que me é preciso desempenhar?" ??

²⁵ Cf. *Económico* X 7: "então considera, mulher - Iscómaco contou ter dito -, que nem da cor do alvaide nem da do carminh gosto mais do que da tua, mas, assim como os deuses tornaram os cavalos muito gratos aos cavalos, os bois aos bois e as ovelhas às ovelhas, os homens acham agradabilíssimo o mero corpo humano".

²⁶ Cf. *Económico* XI 15: "se nada for preciso na cidade, meu escravo conduz o cavalo para o campo e eu faço uma caminhada na estrada para o campo, talvez com mais proveito, ó Sócrates, do que se caminhasse no xisto".

²⁷ Pois, de acordo com a divisão de tarefas explicada por Iscómaco à esposa (cf. *Ec.* VII 30), repartindo-se as atividades no âmbito privado entre duas funções essenciais (obter e conservar o obtido) e, cabendo ao marido uma única delas (ganhar para trazer para a casa), compete obviamente à mulher a segunda parcela do quinhão assim estabelecido.

²⁸ Cf. nota anterior.

²⁹ Cf. *Económico* VII 28: "nas que um é ineficiente o outro sendo capaz".

³⁰ Cf. *Económico* VII 32-37.

³¹ Cf. *Económico* VII 32-34.

³² Cf. *Económico* IX 11: "fizemo-nos a governanta com a mente na que julgávamos mais comedida pelo estômago, pelo vinho, pelo sono e pelo contato com os homens, e, além disso, na que parecia especialmente ter a lembrança e a preocupação de nenhum mal sofrer de nossa parte por negligência e julgar, sendo-nos propícia, receber de nós a recompensa".

³³ Cf. *Económico* XII 2: "com efeito, tenho intendentes nos campos"?

³⁴ Cf. *Económico* XII 13-14.

³⁵ Cf. *Económico* XIII 4-12.

³⁶ Cf. *Económico* IX 6: "depois disso, separamos os adornos femininos para os festivais e as vestes masculinas para os festivais e a guerra".

³⁷ Cf. *De agri cultura* V: feriae seruentur. - "que se observem os dias comemorativos".

³⁸ Cf. *Económico* VII 3.

³⁹ Cf. *Económico* VI 4-10.

⁴⁰ Cf. *De agri cultura* XXXIX: ne cessetur. - "que não haja pausas".

⁴¹ Cf. *supra* nota 11.

⁴² Cf. *supra* p. 4.

⁴³ Cf. *Económico* VII 8: "concordamos com que, para um homem de bem, a agricultura é a melhor ocupação e saber, e que dela os homens obtêm o que os favorece".

⁴⁴ Cf. prefácio do *De agri cultura*: at ex agricolis et uiri fortissimi et milites strenuissimi gignuntur, maxime pius quaestus stabilissimusque consequitur minimeque inuidiosus, minimeque male cogitantes sunt qui in eo studio occupati sunt. - "mas, dentre os que se dedicam à agricultura, saem homens do maior vigor e soldados da maior coragem; daí se obtém o ganho mais justo, seguro e o menos invejado, e minimamente insidiosos são os que se ocupam deste labor".

⁴⁵ Cf. *supra* p. 5.

⁴⁶ Cf. *De agri cultura* V: uilicus ne sit ambulator, sobrius siet semper, ad cenam nequo eat. - "que o administrador não seja passeador, esteja sempre sóbrio e não vá banquetear-se em parte alguma".

⁴⁷ Em Grécia e Roma, como vimos, sequer a libertação asseguraria ao ex-escravo direitos de fato idênticos aos do cidadão já nascido livre (cf. *supra* nota 8).

⁴⁸ Cf. *De agri cultura* XXVI.

⁴⁹ Cf. *Económico* VIII 1: "de modo algum, ó mulher, venhas a desconcertar-te por não poderes dar o que me calha pedir a ti".

⁵⁰ Cf. *De agri cultura* LXXIII: pellem anguinam ubi uideris, tollito et condito, ne quaeras cum opus siet. - "quando vires uma pele de serpente, recolhe-a e conserva-a para não precisares procurar por uma quando houver necessidade".

⁵¹ Cf. *Económico* IX 3: "pois o quarto, estando na parte mais protegida, pedia os enxovais e a mobília mais preciosos".

⁵² Cf. *De agri cultura* V: opera omnia mature conficias face, nam res rustica sic est: si unam rem sero feceris, omnia opera sero facies. - "procura terminar todo o trabalho cedo, pois assim são os trabalhos do campo: se fizeres uma parte deles com atraso, farás todo o trabalho com atraso".

⁵³ Pois a natureza e a agricultura, menos abordadas pelo viés técnico neste texto, surgem nele sob a marca de uma forte generosidade. Isso explica que as "recomendações" de Iscómaco a Sócrates sobre a época dos trabalhos (cf. *Económico* XVI 11 ss.), além de "insuspeitadamente" já sabidas pelo filósofo, relacionem-se com a correta leitura das pistas oferecidas às claras pelo mundo, assumindo antes o sentido de um despertar para as razoáveis exigências da agricultura do que de algo a impor-

se pela vontade e interesse humanos.

⁵⁴ Cf. *supra* nota 26.

⁵⁵ Cf. *De re rustica* XIII: *lectum stratum ubi duo custodes liberi cubent*. - “um leito arrumado onde se deitem dois vigias livres”.

⁵⁶ Cf. *supra* nota 32.

⁵⁷ Cf. *supra* nota 32 e p. 8.

⁵⁸ Cf. *Econômico* VII 37: “por Zeus, disse a mulher, agradabilíssimo, se os [escravos] bem tratados vão mostrar-se agradecidos e ser mais benevolentes do que antes”. ?

⁵⁹ Cf. *supra* nota 17.

⁶⁰ Cf. *supra* p. 3.